

## CARTOGRAFIAS DO AFETO: a Quinta da Boa Vista como espaço de produção de memória coletiva

*CARTOGRAPHIES OF AFFECTION: Quinta da Boa Vista Park as a space for the production of collective memory*

BERRONDO, Joana; Mestranda em Design; Programa de Pós-graduação em Design - Escola Superior de Desenho Industrial - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[jberrondo@esdi.uerj.br](mailto:jberrondo@esdi.uerj.br)

### Resumo

Este artigo propõe um relato sobre o processo de investigação metodológica e desenvolvimento do projeto de pesquisa de mestrado "CARTOGRAFIAS DO AFETO: a Quinta da Boa Vista como espaço de produção de memória coletiva" realizada no Programa de Pós-graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial: PPDESDI UERJ. Utilizando como objeto de estudo o Parque da Quinta da Boa Vista e as relações estabelecidas pela população suburbana da cidade do Rio de Janeiro com o mesmo, a pesquisa propõe um debate sobre a ampliação das fronteiras do campo do design, explorando as complexas intersecções entre memória coletiva, espaço social, cartografia e design. Busca-se compreender aqui, em quais caminhos metodológicos este processo se apoia, entendendo que o espaço público molda e é moldado por narrativas coletivas, influenciando diretamente a construção das identidades urbanas e culturais em um contexto em que tanto espaços quanto pessoas estão em constante transformação.

**Palavras-Chave:** memória coletiva; quinta da boa vista; design e cidade;

### Resumo

*This article presents a report on the methodological investigation and development process of the master's research project "CARTOGRAFIAS DO AFETO: Quinta da Boa Vista as a space for the production of collective memory" conducted within the Design Postgraduate Program of the Escola Superior de Design Industrial: PPDESDI UERJ. Using Quinta da Boa Vista Park as the object of study and focusing on the relationships established by the suburban population of Rio de Janeiro with this space, the research proposes a debate on expanding the frontiers of the field of design and explores the complex intersections between memory collective, social space, cartography and design. The goal is to understand the methodological paths that can support this process, recognizing that public spaces shape and are shaped by collective narratives. These narratives directly influence the construction of urban and cultural identities in a context where both spaces and people are in constant transformation.*

**Keywords:** collective memory; quinta da boa vista park; city and design;

## 1. Introdução — a conceituação do Parque da Quinta da Boa Vista e o seu atravessamento pelas experiências coletivas

Este artigo visa relatar a análise das dinâmicas intrínsecas do Parque da Quinta da Boa Vista, investigando as relações afetivas e de memória coletiva que se estabelecem entre a população e seu espaço. A pesquisa é um desdobramento do trabalho final intitulado “Quintal de Casa: A Quinta da Boa Vista como Equipamento de Lazer e Afeto na Vida Suburbana Carioca” (2022), realizado no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, com o objetivo de compreender as relações afetivas e de memória coletiva estabelecidas entre a população e seu ambiente urbano.

A investigação inicial abordou como a Quinta da Boa Vista se tornou um ponto de referência afetivo para os moradores do Rio de Janeiro ao longo do processo de urbanização da cidade. Este estudo foi um ponto de partida inspirador para a proposta do projeto de mestrado em design, que agora se propõe a explorar as cartografias como ferramentas de convergência entre os campos da arquitetura, urbanismo e design. Essa abordagem metodológica visa documentar, visualizar e compreender as complexidades e as camadas de significado que permeiam este espaço histórico.

Com mais de dois séculos de história, a Quinta da Boa Vista não é apenas um parque; é um símbolo vivo da cidade do Rio de Janeiro. Desde o aldeamento Tamoio na região de São Cristóvão, caracterizado por Priscila Couto de Almeida (2013, p. 69), como um espaço regido por um comerciante de pessoas escravizadas, até sua transformação em residência da família real portuguesa e, posteriormente, sede do Museu Nacional, o parque testemunhou e absorveu as significativas transformações ao longo dos séculos. A história do Parque não só moldou o cenário físico do local, mas também deixou marcas profundas na identidade urbana, cultural e social da cidade.

Figura 1 – Museu Nacional na Quinta da Boa Vista



Fonte: Imagem da autora. (2024)

A Quinta da Boa Vista emerge como parte vital na construção do subúrbio carioca,

caracterizando-se como um ambiente de interação social, expressão artística e entretenimento. No contexto do design e da cidade, o parque representa um caso de estudo significativo para entender como os espaços urbanos podem ser projetados e reconfigurados de forma intencional ou não para atender às necessidades sociais e afetivas das comunidades. O design, neste cenário, entende-se como a ferramenta para mapear os elementos presentes e explorar o potencial dessas representações como abordagem de pesquisa no campo.

A interseção entre design e urbanização revela-se fundamental para entender como os espaços públicos são percebidos e utilizados pela diversidade de grupos sociais que coexistem na cidade. Questões como o acesso igualitário ao lazer e o direito à cidade emergem como temas centrais, especialmente nas áreas urbanas mais marginalizadas, que muitas vezes se transformam em espaços de resistência e afirmação identitária. Nesses contextos, o design não se limita a uma função estética; ele se torna uma ferramenta poderosa para mapear os elementos presentes e potencializar representações alternativas e inclusivas.

Descobrir os processos e as dinâmicas ligadas à Quinta da Boa Vista é um convite à reflexão sobre a conexão entre espaço urbano, memória coletiva e metodologia. Este artigo se propõe a documentar o processo das relações afetivas enraizadas neste emblemático parque do Rio de Janeiro, além de explorar as complexidades metodológicas enfrentadas ao longo da pesquisa.

Nesse momento, o artigo relata como este projeto de mestrado é observado a partir do processo de reflexão profunda sobre o percurso metodológico, entendendo suas nuances e a diversidade de abordagens que se interligam para a compreensão do objeto de estudo.

A questão de pesquisa serve como ponto de convergência para esses processos metodológicos, destacando a importância do diálogo entre disciplinas como arquitetura, urbanismo e design, fortalecendo a capacidade de planejar e gerir espaços públicos de maneira mais sensível e inclusiva, reconhecendo seu papel dos afetos e dos espaços públicos como locais dotados de significado cultural e social para a comunidade.

Ao longo desse percurso, a não linearidade metodológica não é vista como um desvio, mas como uma oportunidade para aprofundar o entendimento. Este artigo, portanto, não representa um ponto final ou uma conclusão do projeto de pesquisa, mas sim o meio do caminho. O momento em que surgem novas questões, investigações e abordagens. Além de ter como objetivo promover um debate interdisciplinar, inspirar outros pesquisadores a explorar caminhos alternativos e entender quem somos nós dentro do nosso objeto de pesquisa.

Assim, ao explorar a Quinta da Boa Vista como estudo de caso, este trabalho busca mergulhar profundamente nas complexidades do afeto, da memória e da interação humana com o espaço urbano. É um convite à reflexão sobre como esses espaços podem ser concebidos e preservados promovendo a inclusão e a valorização da diversidade cultural, contribuindo para um pensamento mais sensível sobre as cidades.

## 1.1 Afetações

O afeto, dentro do contexto desta pesquisa, é entendido como um componente essencial das relações humanas com as dinâmicas da cidade. Na Quinta da Boa Vista, afeto refere-se às emoções, sentimentos e vínculos emocionais que os indivíduos e grupos estabeleceram com o parque ao longo dos anos. Estes vínculos afetivos, construídos a partir de experiências pessoais e

coletivas, envolvem memórias, sensações e significados que permitem uma compreensão mais profunda de como os frequentadores percebem, utilizam e valorizam o parque ao longo do tempo.

A teoria da memória coletiva, conforme discutida por Maurice Halbwachs (1925), sugere que as memórias individuais são moldadas e reforçadas pelas memórias coletivas compartilhadas por um grupo. Na Quinta da Boa Vista, as memórias afetivamente carregadas, como passeios em família e eventos comunitários, influenciam fortemente a percepção e utilização do parque. A ideia de afeto, neste contexto, envolve a afetação das pessoas pelo espaço.

A Quinta da Boa Vista é frequentemente vista como o "quintal" de seus frequentadores, um espaço pertencente ao cotidiano popular e suburbano carioca. É um lugar de nostalgia, amor e saudade, moldado e afetado pelo tempo, pela tragédia, pela beleza e pela história. Este espaço não é apenas um local físico, mas um ambiente que provoca sentimentos e sensações que moldam e que é moldado pela experiência de seus visitantes.

No entanto, no cenário atual, a esfera do afeto vem sendo banalizada pela gentrificação e mercantilização dos espaços, tratados como símbolos de status e simulando uma agregação de valor a uma experiência de consumo. Esta pesquisa, contudo, entende o afeto como algo único e pessoal, criado por cada indivíduo e que se une a um coletivo fortalecedor desses laços. O valor do afeto não pode ser quantificado em termos financeiros, mas sim pela sua influência na identidade individual ou de um grupo.

As práticas cartográficas e de design nesta pesquisa se unem com o objetivo de capturar e representar esses vínculos afetivos de forma visual e participativa, incorporando elementos emocionais e subjetivos que refletem essas "afetações" dos indivíduos com o parque.

Este enfoque permite a criação de mapas que mostram onde os lugares estão e como são sentidos e vivenciados. Isso cria uma representação que coloca em prática as experiências atravessadas por todo o contexto no qual o objeto está inserido de forma não pragmática e que consiga "mostrar" as nuances e sensibilidades, fragilidades e peculiaridades sob uma ótica alternativa de representação.

Explorar as relações afetivas com a Quinta da Boa Vista revela como as experiências emocionais são influenciadas pelo ambiente urbano e proporciona uma reflexão sobre a identidade e a memória coletiva. Mais do que simplesmente documentar memórias e narrativas, a busca valoriza e fortalece os vínculos emocionais que sustentam a identidade cultural e urbana desse espaço.

## 2. Indissociável ser

A Quinta da Boa Vista, como um espaço de significância histórica e cultural no Rio de Janeiro, oferece uma perspectiva valiosa para os estudos da memória. Ao longo dos anos, este local tem sido testemunha e participante de eventos importantes na história da cidade e do país. Desde o período colonial até os dias atuais, a Quinta acumulou camadas de memória que refletem diferentes momentos e narrativas da sociedade carioca.

No coração deste estudo, uma pergunta fundamental se destaca: como as práticas de design podem se entrelaçar com as diversas manifestações das cartografias – sejam elas históricas, — traçando linhas do passado que delinearão a evolução física e social do local — ou sociais, revelando as interações e dinâmicas humanas que caracterizam o parque como um espaço de

encontro e convívio?

Sob a lente dos estudos da memória, a Quinta da Boa Vista se revela como um microcosmo de memórias coletivas, onde as histórias individuais se entrelaçam com a história mais ampla da comunidade. Iluminado pelo conceito da Micro-História na pesquisa em design explorado por Braga (2023), a delimitação temática e recorte do contexto são, no entanto, metodológicos e não têm a intenção de isolar completamente o objeto de estudo do mundo exterior.

Em vez disso, este tipo de abordagem, por meio de uma análise específica e especializada das particularidades do objeto, identifica novas relações ou questões sociais que auxiliarão na compreensão de outros aspectos de contextos mais abrangentes.

Uma das características fundamentais da micro-história é sua flexibilidade metodológica, permitindo que ela seja integrada com diversas linhas historiográficas e até com métodos de outras áreas do conhecimento. Por focar no "como se olha", a micro-história não impõe um viés analítico fixo sobre o tema. Essa adaptabilidade torna interessante a utilização da abordagem da micro-histórica juntamente com referenciais teóricos de diferentes domínios.

A micro-história, conforme discutido, por Braga (2023), não impõe temas específicos, mas tende a ser mais eficaz com certos tipos de temáticas que venham a abordar uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um conjunto de representações, uma ocorrência ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que deseja examinar. Essa versatilidade temática é uma das razões pelas quais a micro-história possui um grande potencial para contribuir significativamente para essa pesquisa.

A partir dessa abordagem, busca-se conhecer quais são e como são produzidas as experiências compartilhadas, as tradições culturais e os eventos históricos que ocorreram neste espaço, bem como entender como contribuem para a construção da identidade coletiva e do imaginário social da cidade e de seus frequentadores.

Essas experiências compartilhadas podem influenciar as dinâmicas mais amplas de construção, preservação e transmissão da memória coletiva em uma sociedade. Assim, permite-se compreender como a relação entre o parque e todas as suas camadas passa por uma indissociável lente de interesse íntimo.

Pessoalmente, o parque adquiriu uma conotação afetiva desde a infância. Ao reconhecer que posso expressar-me de maneira poética, romântica e nostálgica, liberto-me de certas restrições técnicas e permito-me exteriorizar todas as lembranças amorosas que carrego através deste estudo.

Além dessas memórias, há aquelas trazidas pela experiência do trabalho de conclusão de curso, no qual mergulho no meu próprio microcosmo relacionado a esse espaço. Nele, caminho pela saudade de meus avós, pelas falhas experiências em andar de bicicleta e pelas inúmeras vivências familiares minhas e de outras famílias. A partir de uma experiência suburbana de cidade, pude perceber que não só o espaço, mas nós também ganhamos novas camadas de memória.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs, em sua obra "Os Quadros Sociais da Memória", explora o conceito de memória coletiva, demonstrando como nossa relação com o passado está intrinsecamente ligada ao contexto presente em que estamos inseridos. Ao adentrar esse campo, voltamos à compreensão de como a configuração da malha urbana e o acesso à cidade estão diretamente relacionados à importância desse espaço na construção do subúrbio, e às diversas

camadas e aspectos frágeis que permeiam as experiências espaciais.

É com esse olhar que me aprofundo nas possibilidades de explorar as relações entre memória e cartografia, e em quais processos metodológicos podem ser aplicados dentro desse campo.

Contar a história, desse modo, é antes de mais nada dizer: “sou eu quem conta”. E enquanto conta, o micro-historiador se empenha em pôr em uso todo o seu raio de visão, sem normalizar aquilo que é capaz de ver de frente, nem desprezar aquilo que apreende apenas de canto de olho [...]. Assim, o resultado do texto é a exposição do entremeamento desses rastros, e se o micro-historiador “supera” [...] as lacunas é por não tentar eliminá-las, mas por tecer com elas, assumindo sua própria linha, o que significa exercer liberdade para criar conexões entre os elementos presentes e os faltantes, o que também é mostrar as desconexões. (Campos, 2021, p. 18)

Inspirada pela ênfase de Marcos Braga (2023, pg. 132) no papel do micro-historiador, me aprofundo nesse conceito para entender melhor minha própria identidade dentro do contexto da minha pesquisa. Ao adotar a abordagem micro-histórica, examino eventos e vivências específicas com um olhar detalhado e reflito sobre minha própria posição e influência nesse processo investigativo.

### 3. (Re) Conhecendo Meu Lugar

É no meio de investigações e entendendo a profundidade da pesquisa que me deparo com o convite para participar do projeto "Conhecendo Meu Lugar", idealizado pelas analistas de educação da Gerência Básica de Ensino da rede de escolas do SESI Firjan, Natalia Veloso, Rainan Déda e Luciana Fiuza. Proposto para as turmas do Ensino Médio, o projeto visa estimular o (re)conhecimento da história local entre os alunos, promovendo uma reflexão sobre a construção de suas identidades socioculturais e seus grupos de pertencimento.

Esses encontros proporcionam aos estudantes a compreensão dos territórios em que vivem, identificando elementos do passado e do presente nos diversos espaços de convivência. Isso permite aos professores se basearem nas histórias individuais e coletivas dos alunos, inserindo-os em contextos mais amplos de aprendizado.

À medida que os alunos identificam pontos históricos em sua localidade, passam a observar e entender gradualmente o significado da memória local e sua relação com os conteúdos do currículo escolar. As atividades conhecidas como 'aulas passeios' são planejadas para proporcionar aos alunos uma experiência imersiva na história e cultura de determinados locais.

Além das visitas em si, o projeto Conhecendo o Meu Lugar destaca-se por integrar a linguagem artística como parte essencial da narrativa durante as visitas. O objetivo é promover uma reflexão mais profunda sobre o pertencimento e a memória a partir dos espaços vivenciados e redescobertos nos territórios de circulação e existência dos estudantes. A Quinta da Boa Vista foi escolhida como o primeiro local a ser visitado neste projeto em 2024, e a proposta é que os alunos possam analisar e refletir sobre como um mesmo lugar é constantemente reinterpretado ao longo do tempo.

De acordo com o Projeto SESI Firjan (2024), A Quinta da Boa Vista já foi retratada de diversas formas ao longo do tempo: por meio de pinturas, nos detalhados desenhos botânicos realizados por cientistas convidados pelo imperador, nos projetos de paisagismo que moldaram seus jardins e,

mais recentemente, através da proliferação de fotografias capturadas diariamente pelas lentes dos celulares de seus numerosos frequentadores.

Com o intuito de aprofundar as reflexões iniciadas durante a visita à Quinta da Boa Vista, esta oficina convida os alunos a explorar imagens a partir de uma oficina de registro visual, como elemento central de destaque do contexto histórico que envolve a própria Quinta. A oficina é dividida em duas etapas: inicialmente, será realizada uma análise das imagens históricas, seguida pela participação dos alunos na produção de fotografias em grupos utilizando seus celulares. O objetivo é que os estudantes se envolvam de forma ativa e crítica na criação de imagens que expressem suas percepções e aprendizados adquiridos durante a aula-passeio.

Paralelamente, o projeto "Museus, Escolas e Território: Educação Museal e popularização da ciência para transformação social. - Seção de assistência ao ensino do Museu Nacional" (SAE), sob a coordenação da Professora Doutora Andrea Costa - que tem doutorado em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e leciona no Departamento de estudos e processos museológicos da escola de Museologia na mesma instituição -, recebe os alunos na Quinta da Boa Vista e oferece uma explanação detalhada sobre cada local, abordando seus aspectos históricos, botânicos e culturais.

O trabalho desenvolvido por Andrea – Memórias dos visitantes do Museu Nacional: lembranças que não se apagam (2023) – revela que as memórias afetivas criadas durante esses momentos estão profundamente enraizadas no ambiente físico, no cenário monumental e histórico do museu e também do Parque, ressaltando a importância das emoções na relação do público com os museus, tanto como um fator essencial na formação de hábitos culturais quanto na valorização das instituições museais e de políticas públicas urbanas.

Meu processo de “caosgrafias” Araujo (2016) se inicia com união destas forças sobre o olhar da experiência dessas visitas. Como aspecto metodológico para essa visita, procuro a inserção de forma similar à vivência dos estudantes e utilizo principalmente o registro fotográfico como suporte da vivência.

“Se vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes.” (Newton, 1685).

#### 4. A não linearidade processual e as abordagens de método

Como pôr em palavras/escrever sobre algo que foi pensado enquanto estratégia, dispositivo de experimentação corpóreo-discursivo-perfomático ou prática de um dizer? Algo que não quer ser visto como uma coisa objetiva no mundo para ser explicada nem como uma possibilidade metodológica de separação subjetiva desse mundo, capaz de explicar ou cartografar algo aí? Como dizê-lo, portanto? Melhor não seria, então, simplesmente contar sem receio de prostrar por demais (ou até gaguejar) sobre o que ali se viu, se produziu, aconteceu? (Araujo, 2016, p. 900)

Escrever uma vivência nem sempre é uma tarefa fácil. O conceito da caosgrafia, se baseia impreterivelmente na vivência, no coletivo e no espacial. No artigo "Caosgrafias Cidade", Frederico ARAUJO (2016), explora como a caosgrafia pode ser aplicada à análise urbana. Esta abordagem é inerentemente interdisciplinar, integrando conhecimentos e métodos de campos como a geografia, o urbanismo, a sociologia, a antropologia e o design.

Ele argumenta que a cidade, é como um organismo complexo e não pode ser completamente compreendida através de representações simplistas ou lineares. Em vez disso, a caosgrafia utiliza

ferramentas e técnicas que reconhecem e representam as múltiplas forças e fluxos que configuram o ambiente urbano. A elaboração de uma pesquisa sobre afetividades e memória coletiva, também.

### *Como transcrever uma afetividade?*

As ferramentas disponibilizadas são teias que nos conectam ao sentimento daquele momento específico — dia, hora e local — mesmo que permeadas pelas incertezas e inexatidões da memória. A cartografia é uma dessas ferramentas. A partir da vivência coletiva na qual estou inserida, há que se notar como o toque, a luz, as texturas e os cheiros estão indissociavelmente atrelados aos sentimentos evocados naquele instante, junto das ferramentas de transcrição, enfrentam a rigidez das linhas usadas para expor essas experiências. Com essa perspectiva, me dedico a entender os métodos e processos cartográficos voltados para uma abordagem alternativa e sensível.

O artigo “Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método” de Ana Clara Torres Ribeiro (2021), explora as novas maneiras de reivindicar e protestar em um contexto de crescente fragmentação social. Destaca-se a importância de construir representações alternativas da realidade social, que reconheçam as nuances dos contextos locais, as estratégias adotadas, as lições aprendidas na prática, bem como as diferentes temporalidades e significados das ações. Propondo, assim, uma abordagem cartográfica que permita uma análise ágil da conjuntura, baseada em sinais e vestígios das interações sociais, com o objetivo de superar abordagens demasiadamente produtivistas e objetivas na representação das dinâmicas espaciais do tecido social.

Em um comparativo com Araujo (2016), ambos os textos compartilham um interesse na representação alternativa e na análise da cidade. Enquanto Araujo introduz o conceito de caosgrafias como uma prática cartográfica que envolve afetos e está associada à ideia de caos como possibilidade de transformação, Ribeiro (2002) foca na metodologia de cartografia social como instrumento de luta pelo uso do território e pela representação de práticas espaciais.

Ambos os autores desafiam as representações tradicionais do espaço, propondo métodos que valorizam a experiência, a narrativa e a ação local, se alinhando na busca por compreender e representar a complexidade e a multiplicidade dos espaços urbanos e sociais.

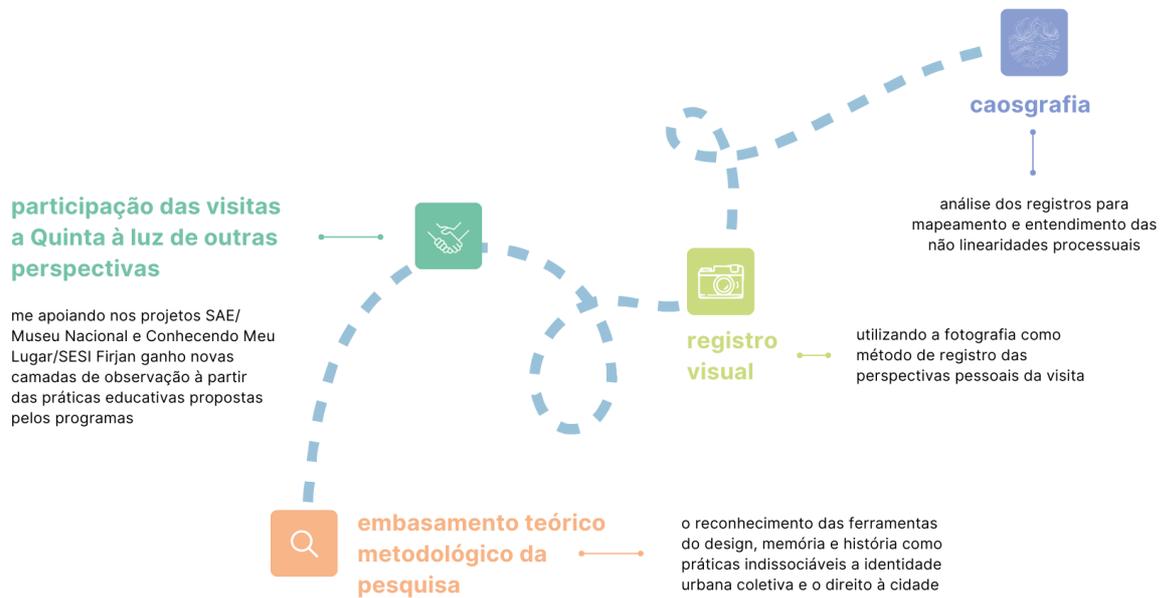
Entretanto, diferem em suas abordagens específicas e conceitos-chave. “Caosgrafias Cidade” se concentra na criação de discursos através de uma composição gráfica não linear, enquanto “Por uma cartografia da ação” busca formas alternativas de representação que permitam análises mais ágeis e apoiadas em sintomas sociais.

Ao pensar a natureza dos processos cartográficos, Rolnik (1989), também se desdobra em entender o cartógrafo como a ferramenta cartográfica mais importante do processo de produção.

(...) Ele aceita a vida e se entrega. De corpo e língua. Restaria saber quais são os procedimentos do cartógrafo. Ora, estes tampouco importam, pois ele sabe que deve “inventá-los” em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. Por isso ele não segue nenhuma espécie de *protocolo normalizado*. O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho. O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na *adjacência das mutações* das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito e ilimitado do processo de produção da realidade que é o desejo. (Rolnik, 1989)

É com esse pensamento que início à proposta da oficina de registro visual idealizando um mapa mental metodológico entendendo o processo de pesquisa e início da minha própria caosgrafia desse espaço.

Figura 2 - Caminho não linear de processo



Fonte: Imagem da autora. (2024)

Após capturar mais de 300 fotografias, surgem várias questões críticas: como processar esses registros? Como catalogá-los, expô-los, ou relacioná-los entre si? Qual é o método apropriado para criar os mapas correspondentes? E será que é desse processo investigativo e metodológico que irão emergir os mapas desejados?

Começa-se, então uma busca aos processos não lineares da pesquisa e da caosgrafia, procurando me apoiar em mais embasamento teórico para entender de fato como formalizar esses registros e a aplicação de metodologias que permitam transformar essas imagens em representações cartográficas significativas, que reflitam a complexidade do espaço analisado.

Em uma passagem do artigo trazido por Amorim e Teixeira (2018), o conceito de Rizoma, por Deleuze e Guattari é exemplificado de forma botânica, que simbolicamente, "rizomo" com uma alusão simbólica ao espaço que estamos debatendo aqui, envolvendo não só as questões de direito aos espaços verdes, mas também às margens em que as pessoas que utilizam desse estão inseridas.

Os rizomas, em botânica, são raízes que crescem horizontalmente, geralmente subterrâneas, podendo ter porções aéreas. O crescimento, aparentemente aleatório, dessas raízes se justifica pela processualidade da busca pela sobrevivência de uma planta, que é um organismo vivo, um dos princípios da cartografia de Deleuze e Guattari (1995) que utiliza a raiz como metáfora e ilustração epistemológica. O rizoma fala de multiplicidade, de diferenças que se relacionam sem distinção e sempre em movimento. Fala de elementos que se compõem e se recompõem sem começo, nem fim, mas no meio. (Amorim, Teixeira, 2018. p.11)

Sob essa perspectiva, podemos compreender que processo do design relacionado à produção das caosgrafias/cartografias pode ser descrito como rizomático, pois envolve a articulação de diversos saberes que se desenvolvem em relação ao ambiente em constante transformação.

O design opera sempre no "entre", mediando a construção de novas realidades através de suas interações dinâmicas e multifacetadas, refletindo a complexidade e a fluidez do contexto em

que está inserido. O conceito elucidado por Amorim e Teixeira destaca que na interação do designer com o território, a cartografia ressalta características regionais estreitamente ligadas à comunidade daquele contexto específico, abrangendo seus estilos de vida, passado e tradições.

Em relação aos processos de fabricação, é crucial considerar as práticas e métodos convencionais de produção, assim como os hábitos e padrões de consumo (Krucken, 2009). Logo, torna-se essencial, especialmente para os sistemas de produção locais, identificar atributos únicos e distintivos incorporados em seus produtos considerando as tradições, expressões culturais e celebrações que compõem o patrimônio tangível e intangível de um território (Moraes, 2010).

#### 4.1. Do caminhar

A tentativa de capturar e analisar as experiências afetivas e as memórias coletivas associadas à Quinta da Boa Vista apresenta desafios que vão além das metodologias tradicionais. A natureza intrinsecamente fluida e não linear dessas experiências demanda uma reavaliação crítica e constante das ferramentas e abordagens usadas ao longo da pesquisa.

A abordagem da caosgrafia, que considera a cidade como um organismo dinâmico e em constante mudança, é fundamental para investigação. Em vez de buscar representações fixas e lineares, a caosgrafia foca na complexidade e na diversidade dos ambientes urbanos. A partir dessa abordagem, é possível enfrentar o desafio de transformar afetos e memórias, com sua natureza subjetiva e transitória, em dados mais palpáveis e descritivos.

A dificuldade em documentar emoções e experiências sensoriais revela a necessidade de métodos que reconheçam e integrem a subjetividade das lembranças. Ferramentas como a fotografia, a observação, anotações e até mesmo as conversas informais, atuam como redes para registrar a intensidade dos momentos vividos. No entanto, a precisão desses registros é frequentemente prejudicada pela própria volatilidade das sensações e memórias.

No esquema analítico de Halbwachs, conforme discutido por Braga (2013), a memória é fundamentalmente coletiva. Essa visão sugere que um indivíduo só pode recordar efetivamente quando está inserido em um grupo social. A memória coletiva é uma construção social que transcende o indivíduo.

Isoladamente, uma pessoa tem dificuldade em formar e sustentar memórias, pois essas lembranças dependem do apoio e dos testemunhos de outros. Portanto, as memórias individuais emergem e se mantêm através das interações e relações sociais, evidenciando que a construção de lembranças está profundamente enraizada na experiência comunitária.

No entanto, Pollak (1992), avança além da definição de Halbwachs ao afirmar que a memória, embora coletiva, também possui uma dimensão individual. Ele argumenta que os indivíduos são capazes de formar e acessar suas próprias memórias, participando ativamente na construção das recordações dos grupos.

Segundo Pollak, memórias individuais e coletivas incluem sempre três elementos: acontecimentos, pessoas (ou personagens) e lugares. Estes podem ser vivenciados diretamente ou indiretamente através da pertença a um grupo. A memória é, assim, uma mistura de experiências vividas e herdadas, sendo sempre uma construção parcial e seletiva.

Elementos fantásticos e míticos podem ser incorporados às memórias, que podem basear-se em fatos ou não, envolvendo invenções, confusões e silêncios, tanto conscientes quanto

inconscientes. No contexto da pesquisa, a Quinta da Boa Vista emerge como um palco onde essas memórias múltiplas e diversificadas se entrelaçam, exigindo métodos mais flexíveis de análise e registro.

Para abordar os desafios inerentes à pesquisa na Quinta da Boa Vista e aos processos de cartografia das memórias, a oficina de registro visual inicia a criação de um mapa mental metodológico que busca a incorporação de técnicas mais adaptativas e sensíveis. A proposta era criar um método de análise e registro que refletisse de forma mais precisa a riqueza das experiências vividas e as relações estabelecidas entre espaço e memória

Pelos métodos formais, ainda não foi definida exatamente por qual trilha esta metodologia caminha, mas entendo que o caminhar é o que dá forma este objetivo final. É o que transforma e agrega a esse processo.

Os referenciais teóricos estão ajudando a construir uma visão sobre a memória e a experiência coletiva no espaço da Quinta. Às experiências de campo, somam mais lentes para o processo de um entendimento mais sensível e plural do espaço. A construção deste processo metodológico em si, guia para a formulação de um objeto de pesquisa mais conciso e lapidado, que emergirá dessa complexidade de camadas pelas quais esse espaço é atravessado.

## 5. Considerações finais

Nesse momento, entendo que este projeto de mestrado é mais do que a obtenção de um objeto final formalizado e de diagramação discutida, mas sim o processo de reflexão sobre o percurso metodológico trilhado, a complexidade das abordagens exploradas e como essas se interligam para proporcionar uma visão abrangente do objeto de estudo.

Neste sentido, a questão de pesquisa também se torna o encontro de uma convergência entre esses diversos processos, não só cartográficos, tendo como base uma proposta de diálogo e valorização das múltiplas perspectivas dos processos metodológicos como pilares essenciais na construção do projeto.

A não linearidade processual se revela tanto como uma característica inevitável quanto como uma oportunidade de engrandecimento do projeto. Os retornos às referências consolidadas não representam regressões, mas sim momentos de reavaliação crítica, nos quais as experiências vivenciadas em contextos urbanos, culturais, educativos e sociais se entrelaçam de maneira íntima e natural.

Sendo as experiências dentro deste estudo tanto fontes de dados quanto perspectivas que moldam a construção do objeto e do conhecimento, adicionando camadas mais sensíveis que muitas vezes escapam em uma análise pragmática convencional.

A inserção do objeto de estudo em um contexto pessoal, além dos demais contextos mencionados, amplia ainda mais as possibilidades de representação. Considerando as particularidades e fragilidades inerentes ao objeto, abre-se espaço para uma reflexão mais humanizada, permitindo compreender o objeto em sua complexidade e capturar sua essência de forma mais autêntica e particular, aplicando técnicas e teorias e traduzindo as experiências vividas em um processo dinâmico.

É ao longo desse processo que são reveladas as verdadeiras conexões entre os diferentes

métodos cartográficos, com a contribuição de uma visão coletiva, trazendo para a abordagem um panorama mais amplo em uma síntese que valorize a diversidade de perspectivas como um participante indissociável da pesquisa.

Esse artigo busca identificar todos os processos de reconhecimento que envolvem o pesquisador e a pesquisa, não representam um ponto final, mas sim um ponto de partida. Cada desvio, cada retorno e cada descoberta contribuem para uma compreensão ainda mais profunda do tema, e destacam a importância de uma abordagem mais flexível e adaptativa diante das complexidades processuais dentro da pesquisa acadêmica.

Intenciono que este trabalho contribua para o avanço do campo de estudo e debata sobre as interdisciplinaridades entre os campos de arquitetura, cartografia e design, além de promover a aproximação de outros pesquisadores que objetivam explorar caminhos metodológicos alternativos e que abracem a riqueza da pluralidade de perspectivas.

Essa pesquisa não se limita apenas a esses diálogos entre disciplinas estabelecidas, mas se estende também à ampliação do horizonte das ferramentas de expressão utilizadas na representação e na interpretação dos espaços.

A busca por essa abordagem enriquece a compreensão acadêmica do objeto de estudo e, em conjunto, fortalece o argumento em favor de uma pesquisa transdisciplinar agregadora que procura ir além das fronteiras convencionais do conhecimento, ilustrando conceitos abstratos e permitindo uma imersão mais profunda nas dinâmicas espaciais e culturais que moldam o ambiente urbano contemporâneo.

## 6. Agradecimentos

A elaboração desse estudo só foi possível graças ao professor e orientador desse trabalho Gabriel Schvarsberg pelas conexões de parceria e apoio com os educadores da Sesi Firjan. Um agradecimento especial às educadoras Natalia Veloso, Rainan Déda e Luciana Fiuza, que coordenaram a visita do Projeto Conhecendo Meu Lugar e a todos os estudantes da Sesi Firjan das unidades Benfica e Maracanã pelas trocas.

Um agradecimento especial também à equipe de educadores do Museu Nacional, especialmente à Andrea Costa e Sheila Villas Boas, e a todos os estudantes e colaboradores do projeto Museus, Escolas e Território: Educação Museal e Popularização da Ciência Para Transformação Social, pela recepção e pela contribuição significativa durante a pesquisa de campo.

## 7. Referências

ARAUJO, Frederico et al. **Caosgrafias Cidade**. Cadernos MetrÓpole, v. 18, n. 37, p. 85-100, 2016.

ALMEIDA, Priscila Couto. **Construção dos bairros da VII Região Administrativa de São Cristóvão da Cidade do Rio de Janeiro e seu desenvolvimento urbano: uma reflexão**. Projeto de Graduação. Rio de Janeiro: Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

AMORIM, Wadson Gomes; TEIXEIRA, Maria Bernadete dos Santos. **Pensando cartografia no processo de design**. Transverso, n. 6, p. 45-60, 2019.

BERRONDO, J. **Quintal de casa: a Quinta da Boa Vista como o equipamento de lazer e afeto da vida**

**suburbana carioca.** Monografia, Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, 2022.

BRAGA, Marcos da Costa; FERREIRA, Eduardo Camillo Kasparevicis. **A abordagem da Micro-História e a pesquisa em História do Design no Brasil.** Estudos em Design, v. 31, n. 2, p. 115-130, 2023.

COSTA, Andrea; DAHMOUCHE, Monica; DAMICO, José; MANO, Sonia; CAZELLI, Sibebe. **Memórias dos visitantes do Museu Nacional: lembranças que não se apagam.** Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 31, p. 1-43, 2023. DOI: 10.11606/1982-02672023v31e18.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais.** São Paulo: Editora ABC, 2009.

NEWTON, Isaac. **“Se vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes.”** 1685.

POLLAK, Michael. **“Memória, Esquecimento, Silêncio”.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. **“Memória e identidade social”.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RIBEIRO, A.C.T.; LOURENÇO, A.; CARVALHO, L.M. **Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método.** Revista Brasileira de Cartografia, v. 20, n. 1, p. 30-45, 2015.

RIOS, Fábio. **Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo.** Revista Intratextos, v. 5, p. 85-100, 2014. DOI: 10.12957/intratextos.2013.7102.

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil.** In: ROLNIK, Suely (Org.). Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo. São Paulo: Editora XYZ, 1989. p. 15-30.

SESI FIRJAN. **Projeto Conhecendo Meu Lugar.** Rio de Janeiro: Gerência de Educação Básica, Divisão de Cultura e Educação, 2024